

Solução-morcego

Sérgio Laia*

Se, como afirmou recentemente Miller (2017), “é apropriado tratar das relações entre discurso do analista e discurso do mestre sob a égide da Garantia”, me despeço da Comissão de Garantia da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) abordando, neste texto, alguns aspectos dessas relações. Essa abordagem me parece também oportuna porque, no recente Regulamento Interno referente à Comissão de Garantia da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) na América, a Garantia, segundo destacou minha colega Nora Gonçalves¹, se explicita como Garantia *da prática* e o Artigo 3 define que tal Comissão “cuida para que a prática dos psicanalistas esteja de acordo com os princípios mais exigentes da ética da psicanálise”². Nesse contexto, como já dizia Miller (2014) uma Comissão de Garantia não existe apenas para realizar nomeações para o título de Analista Membro da Escola (AME), cabe-lhe também o recenseamento da análise de controle (*contrôle*), a “supervisão (*supervision*) da análise de controle”³ e, portanto, um cuidado com a prática da psicanálise e com os modos como a Escola a garante.

Refúgio e base da operação analítica

Sempre gostei da proposta de Lacan (1971/2003, p. 244) da Escola como o que “em tempos antigos, significava certos lugares de refúgio, ou bases de operação contra o que já então se podia chamar de mal-estar na civilização”. Logo após apresentar essa concepção, Lacan (1971/2003, p. 244) menciona também o “mal-estar

* Analista Membro da Escola (AME) pela Escola Brasileira de Psicanálise e Membro da Associação Mundial de Psicanálise; Professor do Curso de Psicologia e do Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC; Pesquisador com projeto aprovado junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

¹ Essa observação de Nora Gonçalves foi feita uma mensagem eletrônica que circulou entre membros da Comissão de Garantia da EBP, no dia 4 de março de 2017.

² Ver: “Reglamento interno de la Comisión de la Garantía de la práctica de la AMP-América” (*mimeo*).

³ No âmbito da psicanálise, na França, o que chamamos no Brasil e em outros países de “supervisão” é designado sobretudo pelo termo *contrôle*. Como, na citação acima, Miller utiliza também a palavra *supervision*, traduzi esta última por “supervisão” e usei a expressão “análise de controle” para traduzir *contrôle*.

da psicanálise”, destacando que a Escola visa dedicar-lhe não apenas “um trabalho de crítica”, mas ainda uma “abertura do fundamento da experiência” (ou seja, o passe), pelo “questionamento do estilo de vida em que ela desemboca”.

Os “tempos antigos” a que Lacan (1971/2003, p. 244) se refere são os da Grécia onde, historicamente, o discurso do mestre vigorava nos termos mesmos do matema que lhe é homônimo e que foi formalizado em *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992, p. 11-12). Tal referência se justifica porque, diferente do que acontecia e ainda acontece nas chamadas “Associações” e “Sociedades” de psicanálise, a concepção lacaniana de uma Escola se vale do modo como, nas “escolas da antiga filosofia”, “prepara-se a ciência retificando a posição da ética” (Lacan, 1962/1998, p. 776)⁴, ou seja, o avanço com relação ao saber não se faz sem questionamentos e mudanças no âmbito do que o ato norteia.

Sem dúvida, no contexto histórico-social da fundação da Escola por Lacan, o discurso do mestre já não era mais aquele da Antiguidade Grega. Mas, mesmo considerando suas transformações ao longo do tempo – e que foram formalizadas nos termos tanto do discurso universitário (LACAN, 1969-1970/1992) quanto do discurso do capitalista (LACAN, 1972) – o discurso do mestre continua operando, inclusive porque, a meu ver, por ser equivalente, segundo Lacan, ao inconsciente, ele desconhece o tempo e, assim, se perpetua, digamos assim, transhistoricamente⁵. Aliás, em uma intervenção breve e recente, mas sem se enveredar por essa via, Miller (2017) menciona que, mesmo nas diferentes formas do discurso do mestre, “é sempre o S_1 que [o] mantém”.

Retomando, então, o lugar da Escola como *refúgio* e, ao mesmo tempo, *base de operação* contra o mal-estar na civilização e frente ao mal-estar que perpassa a própria psicanálise, pareceu-me oportuno, hoje – quando procuramos fazer valer “a psicanálise na cidade” e, ao mesmo tempo, esclarecer e revalorizar a Garantia

⁴ Além das Escolas de filosofia antiga, a referência de Lacan (1962/1998) é também a “alcova sadeana”, mas, neste texto, em função do *timing* para o que pretendo aqui argumentar, vou me ater apenas (e brevemente) à Grécia Antiga. Para um maior desenvolvimento sobre a “alcova sadeana”, as escolas de filosofia grega e a psicanálise, ver LAIA (1992).

⁵ Como um contraponto a essa dimensão atemporal do inconsciente, parece-me importante considerar que, para Lacan, o inconsciente também se modifica com o tempo. Portanto, se o ensino lacaniano nos permite tematizar o inconsciente como “discurso do Outro”, os modos como o Outro se apresenta variam historicamente e, por isso, me parece possível servir-nos das formulações de Lacan (1969-1970/1992 e 1972) sobre o discurso universitário e o discurso do capitalista para abordarmos novos modos de o inconsciente se apresentar. Também o último Lacan (1975-1976/2007 e 1976/2003), como elucida Miller (2006-2007/2013 e 2014/2016), também me parece modificar ainda mais a concepção freudiana do inconsciente como fora do tempo, ao concebê-lo como “inconsciente real”, “corpo falante”, “falasser”.

viabilizada pela Escola – discutir se nossas Escolas perseveraram efetivamente como esse lugar concomitantemente de acolhimento e de luta almejado por Lacan. Para tal discussão, tendo a antecipar, a título mesmo de uma provocação, mas já com ares de uma constatação, o quanto esse *refúgio* e essa *base de operação* têm sido minados. Por um lado, pelo próprio modo avassalador como o discurso do mestre se apresenta nos nossos dias e invade, inclusive, as Escolas de psicanálise – é a face “mal-estar na civilização”. Por outro lado, por nossas próprias ações nas Escolas – é a face “mal-estar da psicanálise”.

Campo minado

Não me parece impreciso dizer que uma situação na qual o *refúgio* e a *base de operação* localizados na Escola foram abalados tanto pelo modo como o mestre contemporâneo determina o mal-estar na civilização, quanto pelo modo como esse tipo de domínio acabou dando lugar a um mal-estar da psicanálise, foi precisamente destacada por Miller por ocasião da crise dos Centros Psicanalíticos de Consulta e Tratamento (CPCTs), especialmente em sua versão parisiense. Para os propósitos deste texto, destacaria, entre inúmeras referências do que se debateu naquela ocasião, a célebre entrevista de Miller com Daniela Fernandez, no dia 22 de outubro de 2008 e na qual essa nossa colega revela – não sem destacar o modo inédito e criativo como o mesmo CPCT ressoava em sua formação como analista e na de sua geração – o quanto sua dedicação a buscar subvenções e fazer a psicanálise incidir sobre o Outro social acabou por comprometer essa própria formação (MILLER e FERNANDEZ, 2008/sd). Nos termos do próprio Miller, “sob o pretexto de estender o domínio da psicanálise, ... abrimos de fato as portas do Campo Freudiano ao discurso institucional, aos valores e às normas sócio-administrativas” e, nesse contexto, corríamos o risco de nós mesmos minarmos a formação analítica que pretendemos fazer valer (Miller e Fernandez, 2008/sd, p. 72). Hoje, essas portas já não estão abertas para a busca de sustentação, inclusive econômico-financeira, da psicanálise frente aos funcionamentos e disfuncionamentos do mestre contemporâneo. Porém, os domínios desse mestre me parecem se imiscuir atualmente em nossas Escolas em outros vieses e, aqui, gostaria de destacar, a princípio, dois.

O primeiro tem a ver com esses tempos de *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Podcasts* e mesmo do (para muitos “já obsoleto”) correio eletrônico. O impulso (ou mesmo o direito) à expressão, juntamente com a facilidade para se publicar em meios digitais ou graças a eles, contaminam o dia-a-dia de nossas formações como analistas. Há, inclusive entre nós, um afã (para não dizer um “imperativo”) de tudo-escrever-publicar-noticiar, como também de que todos-são-publicáveis. Porém, esse excesso de difusão – tão característico do mundo contemporâneo e que de modo algum se restringe à psicanálise – nem sempre se faz acompanhar, inclusive por compatibilidade quanto ao tempo, por um acolhimento no âmbito da leitura e da elaboração do que se difunde.

Ora, conforme escreveu Miller (2001/2003) na quarta capa de *Outros escritos*, a definição lacaniana do escrito como “a-não-se-ler” o equivale a ““Cachorro bravo”, “proibido entrar” ou mesmo a esse alerta dos Infernos que, na própria entrada localizada por Dante, proclama “*Lasciate ogni speranza*”. Porém, esse tipo de advertência não deixa de ser, como também assinala-nos Miller (2001/2003), “um desafio, feito para tentar o desejo”, enquanto que, a meu ver, o excesso de escritos que propagamos, embora possa até atrair muitos para nossos eventos e para nossa comunidade de trabalho, acaba por nos fazer confrontar, sem muito lugar de *refúgio* ou de ações derivadas de uma *base de operação*, com o que Lacan (1967/2001b e 1967/2003, p. 344) designava, não sem crítica, como “publilixão”⁶. Por conseguinte, em vez de desafiar e tentar o desejo, inclusive o desejo de analista, esse excesso me parece muito mais nos afetar com o tédio.... Há, assim, fracasso, mas não me parece que esse ratear se faça de maneira consonante ao discurso analítico. Então, considero importante averiguarmos se é desejável e, se o for, como poderemos reduzir consideravelmente essa produção infernal ou, pelo menos, lê-la como o que não cessa de não se escrever e, assim, encontrar, nessa “publilixão”, ao menos os dejetos com que – para retomar uma perspectiva que Miller (2010/2011) nos ofereceu ao ler Valéry com Lacan – poderíamos salvar a Escola como local de refúgio e base de operação frente ao mal-estar presente na civilização e que se transmuta também como mal-estar da própria psicanálise.

⁶ Em francês, o termo que traduzi aqui por “publilixão” é *poubelliciation*, palavra inventada por Lacan (2001) e que condensa *poubelle* (“cesto de lixo”) e *publication* (“publicação”). Na versão brasileira de *Outros Escritos*, *poubelliciation* foi traduzida como “publicação”, mas essa opção me pareceu condensar mais “lixo” e “publicação” que “lixo” e “publicação”. Por isso, a modifiquei.

Uma segunda forma com que o domínio do mestre contemporâneo me parece minar a Escola – e, aqui, me refiro particularmente à Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) – tem a ver com alguns modos como temos lidado com as “novas gerações” e com a “psicanálise na cidade”. Sabemos que, sobretudo na França e em outros países europeus, os CPCTs foram importantes para dar maior visibilidade, no âmbito mesmo das Escolas, às “novas gerações” e à “psicanálise na cidade”. Sabemos também que a crise dos CPCTs não eclipsou tal visibilidade, tal como constatamos pelo valor dado à “enunciação analisante” (MILLER, 2009), pelo aprimoramento de uma “clínica” concernente à política para admissões de Membros das Escolas e da AMP (SANTIAGO, 2010) e pela concepção de um “lugar analítico possível” nas instituições e em outras apresentações do Outro social como um “Lugar Alfa” diferenciado de um “lugar de escuta” na medida em que se apresenta como “lugar de resposta” (MILLER, 2007/sd). Mais recentemente, o sintagma “psicanálise na cidade” ganhou novo destaque ao se apresentar como título da última *Question d'École*, promovida pela École de la Cause Freudienne, no dia 21 de janeiro de 2017.

No caso da EBP, o investimento nas “novas gerações” me parece, desde o início, desconsiderar um traço que paradoxalmente lhe é característico: talvez com algumas exceções aqui e ali em nossa dimensão de país continental, as novas gerações, no Brasil, desde o movimento propagado como “Iniciativa-Escola” e com a própria fundação de uma Escola de Psicanálise, sempre tiveram lugar; a passagem de uma geração para outra, no âmbito das instâncias hierárquicas, mas também da autoridade analítica, sempre se processou com maior fluidez entre nós que em outras Escolas da AMP. Portanto, considero que passamos a investir nas chamadas “novas gerações” sem levarmos muito em conta que já o fazíamos desde sempre. Além disso, várias vezes me parece haver uma assimilação muito rápida, no âmbito mesmo da Escola, das “novas gerações” a determinadas faixas etárias, como se para nós um “jovem analista” fosse necessariamente o que, de um modo geral, é chamado de “jovem”.

Porém, o que me parece mais problemático é que, nos últimos tempos, tal investimento tem privilegiado mais a vertente “trabalhador decidido” dos jovens, sua maior permeabilidade com a “cidade” e, tematizando pouco as iniciativas institucionais próprias a uma transmissão e a uma formação de psicanalistas em uma Escola, precipita-lhes e/ou generaliza-lhes muitas vezes o tempo do que, lendo uma das formulações de Lacan (1967/2003a) na “Proposição... sobre o psicanalista da

Escola”, MILLER (1989-1990/2000) chamou de “autoautorização do analista”. Essa espécie de fascínio pelas “novas gerações” ganha ainda mais força entre nós quando, também de modo muito precipitado, tende-se a privilegiar o “trabalho decidido” dos “jovens” em ações da “psicanálise na cidade” comprometendo-lhes o tempo indispensável e não só longo, como também infinito, à formação de *um* analista. Além disso, se tais jovens, inclusive por sua prática e comparados a analistas de outras gerações, encontram-se muitas vezes imiscuídos nos mais diversos cantos das cidades ou são mais afeitos às chamadas “mídias sociais”, parece-me importante não repetir na Escola o que o mestre contemporâneo tende a destinar à “juventude” seja sob a forma do trabalho que os “mais velhos” não têm mais tempo para fazer, seja sob a forma de uma aprisionamento no mundo dos *gadgets*.

Uma fábula (ainda) contemporânea

Sublinho que zelar para que a Escola se mantenha e se fortaleça como lugar de refúgio e base de operação frente ao mal-estar na civilização e também ao mal-estar da própria psicanálise não é confiná-la a uma extraterritorialidade. Este termo, na “Proposição... sobre o psicanalista da Escola”, é evocado por Lacan (1967/2003a, p. 262) para se referir tanto às “nossas relações com o exterior” quanto a um outro escrito que ele toma por “prefácio desta proposição”, ou seja, “Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956”. Neste último, verificamos o quanto a posição de Lacan (1956/1998) quanto a uma extraterritorialidade da psicanálise, por exemplo, com relação à civilização ou, se quisermos tomar uma palavra mais em voga entre nós, à “cidade” não é nem de adesão incondicional, nem de recusa absoluta. Por sua vez, em “Variantes do tratamento padrão”, Lacan (1955/1998, p. 327) já situava mais claramente as relações do analista com a extraterritorialidade na modalidade do impossível: “todo reconhecimento da psicanálise, tanto como profissão quanto como ciência, propõe-se apenas destacar um princípio de extraterritorialidade, ao qual é tão impossível ao psicanalista renunciar quanto o é não negá-lo”.

Logo após situar essa modalidade do impossível, Lacan (1955/1998, p. 327) tematiza “o signo do duplo pertencimento” a ser sustentado, pelo analista na validação dos problemas que lhe concernem, com a arma das “posturas do inapreensível que tem o Morcego da fábula”. Em sua recente intervenção sobre a Garantia, Miller

(2017) metamorfoseia a própria Escola no morcego que Lacan (1955/1998) apresentava como uma solução para o “duplo pertencimento” do psicanalista que, para os propósitos deste meu texto, me parece possível referir à psicanálise e à civilização, à Escola e à Cidade, ao inconsciente real e ao inconsciente transferencial. Nas palavras do próprio Miller (2017), a Escola é um “ser ambíguo”, tem “asas analíticas” e “patas sociais”: “pelo viés da associação, o discurso analítico se submete abertamente ao discurso do mestre ao mesmo tempo que, de modo sutil, o subverte”. O duplo pertencimento aludido por Lacan (1955/1998) me parece atualizado por Miller (2017) como “subversão e submissão” com relação ao discurso do mestre: “quando o mestre nos aperta de modo muito próximo, cabe a nós amaciá-lo, seduzi-lo, a fim de continuar nosso pequeno negócio sem irritar sua paciência”. Nesse viés, seduzir e amaciar o mestre contemporâneo, sustentar a “psicanálise na cidade” são empreitadas válidas apenas se elas fizerem prosseguir a psicanálise e, para tal prosseguimento, a meu ver, é indispensável que a Escola se mantenha e se renove como lugar de *refúgio e base de operação*.

Para essa manutenção e essa renovação, pareceu-me importante retomar a fábula aludida por Lacan quanto ao analista e retomada por Miller quanto à Escola. Conta-nos LA FONTAINE (1668) que um desajeitado Morcego caiu, por acaso, no ninho de uma Doninha. Esta, tomando-o por um Rato, estava decidida a devorá-lo porque a lei era a de que cada Rato capturado por ela lhe servia de jantar. Por sua vez, o Morcego lhe diz que não é um Rato, porque, tendo asas, é capaz de voar e, assim, é um pássaro de uma variedade bastante exótica. Olhando-o melhor após escutá-lo, a Doninha acaba por deixar o Morcego ir embora. Entretanto, alguns dias depois, o mesmo Morcego cai de novo, acidentalmente, no ninho de outra Doninha. Esta era inimiga ferrenha de todos os pássaros e estava decidida a devorá-lo. O Morcego afirma a essa segunda Doninha que não há como ele ser um pássaro porque, destituído de penas, não passa de um mero Rato cujo lema, inclusive, é “abaixo todos os gatos”. Por uma segunda vez, então, o Morcego tem poupada sua vida.

Nessa fábula, cuja “moral da história” afirma a “flexibilidade como a virtude dos Sábios”, destaca-se sem dúvida o modo como o Morcego se serve da fala para se safar das Doninhas que lhe ameaçam a vida (LA FONTAINE, 1668). Entretanto, não me parece menos importante o quanto sua fala se vale do que se apresenta em seu corpo tanto sob a forma do que ele tem (asas) quanto sob a forma do que ele não tem (penas). Ora, é como um jogo da fala com o corpo que Lacan (1975-1976/2007) nos

ensinou a escrever e ler o *sinthoma*. Frente ao mal-estar na civilização e ao mal-estar da psicanálise, não há arma melhor que o *sinthoma* e sem a Escola como refúgio e base de operação, o *sinthoma* pode até se armar, como no caso de um Joyce, como um *savoir y faire*, mas teremos menos chances de formalizar e até mesmo de saber como se opera esse *savoir y faire*, inclusive perante as Doninhas nas quais o mestre contemporâneo insiste em transmutar-se.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques (1955/1998). “Variantes do tratamento padrão”, in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 325-364.

LACAN, Jacques (1956/1998). “Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 461-495.

LACAN, Jacques (1962/1998). “Kant com Sade”, in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 776-803.

LACAN, Jacques (1967/2003a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola, in: *Outros escritos*, p. 248-264.

LACAN, Jacques (1967/2003b). “De Roma 53 a Roma 57: A psicanálise. Razão de um fracasso”, in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 341-349.

LACAN, Jacques (1969-1970/1992). *O Seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, Jacques (1971/2003). “Preâmbulo” do “Ato de fundação”, in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 242-246.

LACAN, Jacques (1975-1976/2007). *O Seminário. Livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, Jacques (1976/2003). “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 567-569.

LACAN, Jacques (1972/1978). “Du discours psychanalytique. Conférence à l’Université de Milan”, in: *Lacan in Italia (1953-1978)*. Milano: La Salamandra, p. 27-39.

LACAN, Jacques (2001). *Autres écrits*. Paris: Seuil.

LA FONTAINE, Jean (1668). “La chauve-sourris et les deux belettes”. Disponível na internet (Acesso em 15 de abril de 2017):

<http://www.la-fontaine-ch-thierry.net/chovsoub.htm>

LAIA, Sérgio (1992). A lei moral, o desejo e o mal: Kant com Lacan. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte

MILLER, Jacques-Alain (1989-1990/2000). *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós.

MILLER, Jacques-Alain (2001/2003). “Quarta capa de Outros Escritos”, in: LACAN, Jacques (2001/2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Zahar.

MILLER, Jacques-Alain (2006-2007/2013). *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós.

MILLER, Jacques-Alain (2007/sd). “Rumo ao PIPOL 4”, *Correio*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 60, p. 7-14.

MILLER, Jacques-Alain e FERNANDEZ, Daniela (2008/sd). “Entrevistas do momento atual nº 11”, *Correio*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 61, p. 65-75.

MILLER, Jacques-Alain (2009). Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI, *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 55, p. 15-22.

MILLER, Jacques-Alain (2010/2011). “A salvação pelos dejetos”, in: *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 227-233.

Miller, Jacques-Alain (2014/2016) “O inconsciente e o corpo falante”, in: SOUTO, Simone e RIBEIRO, Vera Avellar. *Scilicet: o corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI*. X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise. São Paulo: EBP, p. 19-32.

MILLER, Jacques-Alain (2017). “Question d’École: propos sur la garantie – 21 de janeiro de 2017”. Disponível na internet (Acesso em 10 de abril de 2017): <http://www.hebdo-blog.fr/jazm/>

SANTIAGO, Jesús (2010). Política das admissões e Escola Una: uma modalidade da prática analítica, in: *Correio*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 66, p. 21-26.